

O Ensino Aprendizagem face às Alternativas Epistemológicas 5



Solange Aparecida de Souza
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

O Ensino Aprendizagem face às Alternativas Epistemológicas 5



Solange Aparecida de Souza
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	<p>O ensino aprendizagem face às alternativas epistemológicas 5 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-165-7 DOI 10.22533/at.ed.657200207</p> <p>1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. 3. Ensino – Metodologia. I. Souza, Solange Aparecida de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 371.3</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“O professor de natação não pode ensinar o aluno a nadar na areia fazendo-o imitar seus gestos, mas leva-o a laçar-se n’água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas revelando que o diálogo do aluno não se trava com o professor de natação, mas com a água. O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais e transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor.”.

Marilena Chauí

A coleção “O Ensino Aprendizagem face as Alternativas Epistemológicas 3” – contendo 58 artigos divididos em três volumes – traz discussões precisas, relatos e reflexões sobre ações de ensino, pesquisa e extensão de diferentes instituições de ensino dos estados do país.

Essa diversidade comprova a importância da função da Universidade para a sociedade e o quanto a formação e os projetos por ela desenvolvidos refletem em ações e proposituras efetivas para o desenvolvimento social. Assim, o desenvolvimento da capacidade reflexiva e do compromisso social do educador enseja a transformação da realidade que ora se apresenta, não que a formação docente possa sozinha ser promotora de mudanças, mas acreditamos que reverter o quadro de desigualdades sociais que experimentamos no Brasil, passa também pela necessidade de uma educação formal que possa tornar-se em instrumento de emancipação, desmistificando o passado de aceitação passiva que historicamente tornou a sociedade mais servil e promovendo a formação de cidadãos para a autonomia.

O leitor encontrará neste livro uma coletânea de textos que contribuem para a reflexão epistemológica de temas e práticas educacionais do contexto brasileiro.

Solange Aparecida de Souza

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A NECROPSIA NA RESIDÊNCIA MÉDICA EM PATOLOGIA	
Adriana Ubirajara Silva Petry Helena Terezinha Hubert Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6572002071	
CAPÍTULO 2	3
O CAMPO PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA (1930-1960) E O DUALISMO DO ENSINO SECUNDÁRIO	
Felipe Janini Bonfante Márcia Cristina de Oliveira Mello	
DOI 10.22533/at.ed.6572002072	
CAPÍTULO 3	13
O DESAFIO DE UM CURRÍCULO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO MÉDIO: LIMITES E POSSIBILIDADES NO ATUAL CENÁRIO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO	
Dayse do Prado Barros Marcus Vinícius Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6572002073	
CAPÍTULO 4	24
O ENSINO DE NÚMEROS E OPERAÇÕES E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO EF: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO	
Leila Pessôa Da Costa Sandra Regina D' Antonio Verrengia Lucilene Lusia Adorno de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6572002074	
CAPÍTULO 5	35
O PLANETÁRIO DIGITAL DE ANÁPOLIS E SUA EFETIVA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS	
Keren Hapuque Bastos da Silva Mirley Luciene dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6572002075	
CAPÍTULO 6	46
O USO DO CALC NAS AULAS DE MATEMÁTICA FINANCEIRA	
Maurício de Moraes Fontes Dineusa Jesus dos Santos Fontes Valéria Chicre Quemel Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6572002076	
CAPÍTULO 7	53
PARA ALÉM DOS LABORATÓRIOS – A INSERÇÃO DO ESTUDANTE DE BIOMEDICINA NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS) COMO ALICERCE PARA UMA FORMAÇÃO HUMANISTA	
Rahuany Velleda de Moraes Claudia Giuliano Bica	
DOI 10.22533/at.ed.6572002077	

CAPÍTULO 8	62
PESQUISA-AÇÃO: UMA PROPOSTA DE OPERACIONALIZAÇÃO PARA PESQUISAS EM MESTRADOS PROFISSIONAIS EM ENSINO	
Flávia Maria da Silva Jair de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6572002078	
CAPÍTULO 9	74
PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE: UM ESTUDO SOBRE <i>BULLYING</i>	
Gilmar Bueno Santos Sueli dos Santos Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6572002079	
CAPÍTULO 10	85
QUÍMICA NO CICLO FUNDAMENTAL II: A REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES EXPERIMENTAIS	
Gabriela Oliveira de Castro Aline Carvalho Oliveira Pedro Augusto Bertucci Lima Sérgio Pereira José Humberto Dias da Silva Kleper de Oliveira Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.65720020710	
CAPÍTULO 11	98
RELATO DE EXPERIÊNCIA: [RE]DESCOBRINDO A DANÇA CONTEMPORÂNEA EM RIO BRANCO/ACRE ATRAVÉS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Paulo Felipe Barbosa da Silva Valeska Ribeiro Alvim	
DOI 10.22533/at.ed.65720020711	
CAPÍTULO 12	111
REPELENTES NATURAIS: UMA PROPOSTA PARA PREVENÇÃO DA DENGUE	
Isabela Cristina Damasceno Ariane de Cerqueira Joaquim Kisêane Santos Gomes Pollyanna Dantas de Lima Marcela Guariento Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.65720020712	
CAPÍTULO 13	119
RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM PANORAMA DAS PESQUISAS BRASILEIRAS	
Ana Cristina Trento Janecler Aparecida Amorin Colombo	
DOI 10.22533/at.ed.65720020713	
CAPÍTULO 14	132
SABERES NAGÔ-IORUBÁ NA ARTE-EDUCAÇÃO: ARTE COMO RESISTÊNCIA E AUTOLEGITIMAÇÃO AFRO-BRASILEIRA	
Ariel Guedes Farfan Allefh José dos Santos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.65720020714	

CAPÍTULO 15	143
SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE GÊNEROS TEXTUAIS: O ENFOQUE NA PRÁTICA REFLEXIVA DOCENTE EM SALAS DE ALFABETIZAÇÃO	
Elizabeth Carvalho Pires Elisabeth dos Santos Tavares Michel da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.65720020715	
CAPÍTULO 16	154
A AÇÃO MEDIADORA DO PROFESSOR FRENTE AO USO DAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA: <i>SOFTWARES</i> EDUCACIONAIS	
Péricles Antonio de Souza Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.65720020716	
CAPÍTULO 17	161
USANDO HORTAS COMO BASE DE UMA MATRIZ PEDAGÓGICA CONTEXTUALIZADA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL NO DISTRITO FEDERAL	
José Paulo Alves Júnior Roni Ivan Rocha de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65720020717	
CAPÍTULO 18	168
USO DE MATERIAIS DE BAIXO CUSTO NA CONSTRUÇÃO DE MODELOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE BOTÂNICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Jéssyca Soares Alencar Roni Ivan Rocha de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65720020718	
CAPÍTULO 19	181
VIVÊNCIAS DE UMA INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM FENOMENOLOGIA: EXPERIÊNCIAS DE ALUNAS DE UM CURSO DE PSICOLOGIA	
Tamiris de Abreu Fonseca Rodrigues Nayra Clycia da Costa Muniz Rodrigues Mariana Rocha Leal Garcez Stephany Cecilia da Rocha Ágnes Cristina da Silva Pala	
DOI 10.22533/at.ed.65720020719	
SOBRE A ORGANIZADORA	190
ÍNDICE REMISSIVO	191

SABERES NAGÔ-IORUBÁ NA ARTE-EDUCAÇÃO: ARTE COMO RESISTÊNCIA E AUTOLEGITIMAÇÃO AFRO-BRASILEIRA

Data de aceite: 05/06/2020

Data de submissão: 16/04/2020

Ariel Guedes Farfan

Universidade Federal do Vale do São Francisco
(UNIVASF)

Juazeiro - Bahia

<http://lattes.cnpq.br/4228767037649375>

Allefh José dos Santos Soares

Universidade Federal do Vale do São Francisco
(UNIVASF)

Juazeiro - Bahia

<http://lattes.cnpq.br/0853410327101085>

RESUMO: O presente artigo discorre sobre como surgiram as estruturas das relações entre as pesquisas do Núcleo Temático “Lugares Sociais da Arte” e a atuação docente no programa de Residência Pedagógica na rede pública de ensino em Juazeiro (BA). Criar espaços para que o estudante possa atuar sobre as adversidades reais da sociedade é um dos objetivos do componente curricular e do programa de Residência. Como forma de combater o apagamento da história nacional afro-brasileira, esse trabalho ressalta a importância de se pensar estratégias multidisciplinares de afirmação dos povos de matrizes africanas como

participante na criação da cultura e civilização brasileira. Pensamentos, filosofias, religião e ética, expressos na arte afro-brasileira constitui parte substancial da história e cultura do grupo originário desse complexo modelo cultural

PALAVRA CHAVE: Arte-educação. Arte afro-brasileira. Candomblé.

KNOWING NAGÔ-IORUBÁ IN ART- EDUCATION: ART AS RESISTANCE AND AFRO-BRAZILIAN SELF-LEGITIMATION

ABSTRACT: This article discusses how the structures of the relations between the researches of the Thematic Nucleus “Social Places of Art” and the teaching performance in the Pedagogical Residency program in the public school system in Juazeiro, Bahia, emerged. Creating spaces for the student to act on the real adversities of society is one of the objectives of the curricular component and the Residency program. As a way to combat the erasure of Afro-Brazilian national history, this work highlights the importance of thinking about multidisciplinary strategies for affirming peoples of African origin as a participant in the creation of Brazilian culture and civilization. Thoughts, philosophies, religion and ethics, expressed in Afro-Brazilian art, constitute a substantial part

of the history and culture of the group originating from this complex cultural model.

KEYWORDS: Art education. Afro-Brazilian art. Candomblé.

1 | INTRODUÇÃO

Os Núcleos Temáticos correspondem a um componente curricular existentes em todas as matrizes dos cursos de graduação da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Tem como objetivo criar espaços para que o estudante possa atuar sobre as adversidades reais da sociedade e cumprir parte do papel social da universidade, juntamente com professores, técnicos e a sociedade civil. Ao mesmo tempo o Programa de Residência Pedagógica é uma ação de integração à Política Nacional de Formação de Professores, cujo propósito é o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de nível superior incentivando a imersão do licenciando na escola de educação básica. O projeto do Programa de Residência no curso de licenciatura em Artes Visuais possui uma particularidade: houve a divisão do tempo de regência em sala de aula, distribuído entre três escolas da rede pública de gestão estadual, municipal e cívico-militar. O presente artigo irá relatar as experiências docentes no Colégio Estadual Misael Aguilar Silva (CEMAS), localizado no bairro Dom José Rodrigues, Juazeiro (BA). Com bolsas de incentivo à docência o projeto contempla entre outras atividades, além da regência em sala de aula, intervenção pedagógica orientada por professores da escola e um docente da Instituição Formadora. É por meio desses ambientes que se estimula a aprendizagem, interpretação e análise crítica da realidade, que possibilita questionar os problemas e imaginar soluções, estimulando a propagação dos conhecimentos adquiridos na academia. O Projeto Pedagógico do Colegiado de Artes Visuais elabora seu Núcleo Temático a proposição: “Lugares Sociais da Arte” que discute as relações entre a arte e práticas de matriz afro-brasileira e o papel da arte na valorização, permanências e transformação dessas práticas culturais em Juazeiro. Tal tema propiciou a pesquisa dos saberes no terreiro que foram aplicados na atuação de uma docência libertadora durante a Residência. Oportunizando a criação de uma metodologia de conhecimentos plurais: a aplicação do sentido das plantas do culto Jeje-Nagô em arte-educação através da ilustração botânica; e a discussões iconográficas dos elementos presentes nas indumentárias dos Orixás incorporados nos rituais do Candomblé por meio da leitura de imagens. Essa maneira de se pensar o ensino é desafiadora e exige uma coordenação mais complexa entre os educadores, vez que ao romper as fronteiras das disciplinas, essa metodologia busca assimilar os fenômenos adquirindo conhecimentos de forma abrangente e contextualizada. O Núcleo também promove o estudo, pesquisa e extensão em torno dos espaços sociais para a produção artística, seus atores e práticas no Vale do São Francisco contemplando a interdisciplinaridade com os cursos de Ciências Sociais e

2 | A PRODUÇÃO ARTÍSTICA NEGRA NO BRASIL

Como o nome já sugere o Núcleo temático do colegiado de Artes Visuais questiona, em quais meios as artes legitimamente se manifestam? Dentro dessa discussão houve um aprofundamento na arte afro-brasileira que para Nina Rodrigues (1983), cujas pesquisas são referência para os trabalhos sobre o negro no Brasil, é decisiva não somente nas artes plásticas, mas também das artes industriais brasileiras (CUNHA, 1983, p. 992). Visto que a política econômica do colonizador não evidenciava esse importante papel do negro pois só “permitia desenvolver-se a mão-de-obra que convinha ao sistema” (CUNHA, 1983, p. 992). Um exemplo foi um decreto real que demonstrava essa conduta: “Nenhum negro, mulato ou índio pode trabalhar como ourives”. Entretanto, as habilidades de criação dos negros e pardos não desapareceram com o tempo, segundo Koster (1983) os negros eram geralmente os obreiros de todas as artes. Posto que as elevadas classes dos burgueses, agricultores e negociantes, ensinavam os seus ofícios para seus escravos. A finalidade era de obter mão-de-obra barata para trabalhos que dependiam de certas habilidades, que geralmente eram caras e pagas mais liberalmente para outros. Essa situação específica de Pernambuco se estendia pelo Brasil, assim como as artes industriais tais como marceneiro, carpinteiro, ferreiro, sapateiro e alfaiate, que eram exercidas geralmente por estes grupos étnico-raciais (CUNHA, 1983, p. 992).

Artistas como Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1738-1814), Valentim da Fonseca (1750-1813) que trabalhou no Rio de Janeiro na segunda metade do século XVIII, Francisco das Chagas (Chagas, o Cabra) escultor do século XVII, e Miguel Arcanjo Benício da Assunção Dutra (1810-1875), são exemplos da resistência das atividades do negro nas artes plásticas desde o século XVII ao XIX. No entanto, os artistas negros não eram notados na arte erudita no passar do século, principalmente pelos fatores econômicos e políticos que apesar da Independência e da Abolição o sistema econômico não se alterou em quase nada. De maneira distorcida a produção artística negra era direcionada com frequência para as igrejas e confrarias de pretos e pardos, e a Abolição retirou muitos sentidos que essas confrarias tinham para os negros. Esses locais eram centros e clubes que permitiam, até certo ponto, dialogar suas diferenças culturais o que mantinha sua identidade étnica. Afirmar-se como participante na criação da cultura e civilização brasileira é um desafio incessante para o negro (CUNHA, 1983, p. 992-993). Partindo desse cenário, como garantir sua autenticidade e ancestralidade por meio de espaços que sempre tem sido negados, sobretudo dentro da sala de aula? Pensando em formas de incorporar a produção artística negra no projeto político pedagógico e na grade curricular das escolas que participam do Programa de Residência Pedagógica, é que surge o planejamento de aulas da disciplina de Artes para ensino básico voltado às

matrizes afro-brasileiras. Traduzir e decodificar as referências teóricas estudadas durante o curso do Núcleo Temático “Lugares Sociais da Arte” para o ensino básico do colégio Estadual Misael Aguilar Silva, foi tornar real um dos principais desafios de um professor de licenciatura, o planejamento metodológico. Essa organização do planejamento é a construção do caminho a ser percorrido durante a regência em sala de aula, é pensar em por quais meios os alunos irão formar seus próprios conhecimentos. Fazendo assim cumprir as exigências vigentes na Lei de Diretrizes de Base a Educação Nacional prevista no Art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, inciso “considerações com a diversidade étnico-raciais”.

3 | PRINCÍPIOS COSMOLÓGICOS E PENSAMENTOS DE ORIGEM AFRICANA NA ARTE

A arte afro-brasileira é uma expressão que desempenha função no culto aos orixás, ligando-a a religiões vivas africanas, sendo autenticamente afro-brasileiras por tratarem de temas e pensamentos de origem africana inserido na cosmologia Nagô. Os Orixás são os deuses dos lorubás, vieram ao Brasil através dos escravizados de diversas regiões do Continente Africano. Iorubá é dada como uma grande língua de milhões de indivíduos, além disso estão unidos por uma cultura e tradição de sua origem (VERGER, 2007, p. 11). A Religião dos lorubás tornou-se gradativamente homogênea dentro de cada um destes lugares que eram cultuados deuses mais específicos como Iemanjá, que é soberana na região de Egbá e não é conhecida em Ijexá (VERGER, 2007, p. 17). Estas religiões têm sentidos originalmente voltados para a sacralidade da matéria pura: água, terra, pedra, sangue, seiva etc. Esculturas e pinturas também exercem a funcionalidade da escrita, tendo em vista que a arte afro-brasileira assim como toda arte, “é produto de pressões históricas, escolhas, invenções, adaptações e revoltas” (CUNHA, 1983, p. 1026).

Desta maneira o ícone africano vem resistindo às transformações da aculturação no Brasil, onde não houve perdas na comunicação com o idioma original que fala constantemente dos seus valores culturais. Segundo Muniz Sodré, o pensamento Nagô confirma a presença na história nacional de um complexo modelo cultural civilizatório, distante do europeu centrado na organização capitalista e racionalidade dos signos (SODRÉ, 2017, p. 88). O capitalismo é considerado como movimento religioso por alguns filósofos e sociólogos, dentre eles Walter Benjamin afirma ser “uma religião puramente de culto, desprovida de dogma” (BENJAMIN, 2013, p. 23). Diferente dos valores Nagôs, cujo princípio é propriamente filosófico com roupagem religiosa que pertence a uma “filosofia trágica”, pois afirma o divino como uma particularidade da vida, mas sem o estudo teológico (SODRÉ, 2017, p.89). A composição complexa Nagô se forma por uma metade humana, a outra pertence à ordem divina (suprarracional), e a outra metade do pensamento Nagô é formado por orixás e ancestrais.

No Brasil às nações como Egbé, Egbádo, Ijebu, Ijexá, Ketu, Sabé, Iaba, Anagô e

Eyó com traços dos Adja, Fon, Huedá, Mali, Jegum e outros são conhecidos como Jeje. A diversidade que se generaliza com a nomenclatura “Nagô”, também “Jeje-Nagô”, implica a pouca proximidade brasileira com a pluralidade étnica dos negros, ao mesmo passo que se mantém permanente o contato entre os Nagôs com suas regiões de origem. Sodré diz que o sentido de origem no pensamento Nagô se dá como princípio, não se trata apenas de crença religiosa, é propriamente filosófico por ser um pensamento cosmológico e de ética (SODRÉ, 2017, p. 90). Os orixás Nagôs são como princípios cosmológicos que reelaboram um pertencimento ao grupo originário, essa é uma necessidade existencial, pertencer.

4 | SABERES NAGÔ-IORUBÁ NA ARTE-EDUCAÇÃO

Essa necessidade de ‘fazer parte’ favorece a construção das relações do indivíduo com o planeta, temática essa explicitada na abertura do livro Projeto Mosaico cujo o título é “A arte e o planeta”, utilizado como recurso didático da disciplina de Artes no oitavo ano. Precisar pertencer também estabelece vínculos com a construção de uma identidade, que é relação do indivíduo com a visão de si mesmo. Assunto este que compõem a grade curricular do sexto ano no Colégio Estadual Misael Aguilar Silva (CEMAS). Durante a imersão na escola além do uso dos livros didáticos, foram aplicadas outras fontes de conhecimento para compor os conteúdos trabalhados com as turmas do oitavo e sexto ano. Logo, foi necessário criar conexões entre os conceitos das referências teóricas do Núcleo Temático e os materiais didáticos do colégio. Inicialmente a introdução do livro Mosaico do oitavo ano aborda as produções artísticas coletivas como centro das discussões. Essas produções correspondem ao que Maurice Halbwachs descreve como memórias coletiva, ou como Sodré aborda “guardar o acontecimento” (SODRÉ, 2017, p. 92). Do ponto de vista do sociólogo existem três traços no que diz respeito a africanização de Salvador (BA) e a historiografia africana: coletivismo, presenteísmo e a espacialidade. Os planos de aula foram estruturados de acordo com as definições dos três conceitos de Halbwachs:

O primeiro traço se trata de uma visão resumida das memórias individuais. Nesse sentido os estudantes do oitavo ano escolar foram estimulados a pesquisar e discorrer sobre diversos artistas como Vincent van Gogh, Yoko Ono, Andy Warhol, Thomas Hirschhorn e entre outros. Já no sexto ano, às imagens foram selecionadas a critério do residente, visto que o livro não contemplava referências afro-brasileiras, fizeram a leitura de imagens às obras de Arthur Bispo do Rosário, Hélio Oiticica, Leonardo da Vinci e representações e ilustrações dos orixás Iemanjá, Oxalá, Oxóssi, Oxumarê e Nanã. Ler as obras de arte dos artistas em questão faz parte do sistema de construção de conhecimento em artes resgatando a memória individual de cada estudante. Essa interseção da experimentação com a informação e codificação e uma “leitura que envolve o questionamento, busca, descoberta e o despertar da capacidade crítica dos alunos” (BARBOSA, 2008, p. 66-67).

Acompanhadas por questionamentos do porquê se deve valorizar a diversidade e como construir novas relações com o planeta? Como respeitar e entender os contextos étnico-raciais afro-brasileiro?

Obras de *Ninfeias* de Claude Monet, *Entrada na Floresta* de Hélio Melo e *Paisagem da selva tropical brasileira* de Johann Moritz Rugendas, possibilitou o primeiro contato dos estudantes do oitavo ano com o tema arte e planeta. A inclusão dos artistas Eneida Sanches, Djanira da Motta e Silva, Mário Cravo Neto e Pierre Verger, como fomento à pesquisa de artistas cuja produção está ligada a temas de negritude e africanidade. No sexto ano foi apresentado o *Manto da Apresentação* de Arthur Bispo do Rosário, *Parangolé* de Hélio Oiticica e às ilustrações dos orixás de Hugo Canuto. Em síntese houve a preferência, que é o primeiro estágio do desenvolvimento estético segundo Parsons. O primeiro estágio é o “gosto intuitivo pela maioria das obras, reação ao tema de quadro por associação livre; aceitação de tudo sem distinção” (BARBOSA, 2008, p. 67). Dentre esses estágios o autor considera a significação da obra como sendo mais social que individual, pois, para ele se trata da integração a uma tradição cujo resultado do trabalho é um conjunto de pessoas ao longo do tempo. Ou seja, o *coletivismo*, primeiro conceito que Halbwachs descreve sobre o que mantém a ideia, a organização e transformação do acontecimento em temporalidade (SODRÉ, 2017, p. 92). O presenteísmo representa a origem que depende do “aqui e agora” de acordo com Halbwachs:

Impregnada por uma atmosfera afetiva estruturante, a memória incide principalmente sobre um modo de ser e de pensar afetado pela territorialização que, no caso dos Nagôs, dá margem a vínculos comunicativos particulares: é o *egbé* ou comunidade litúrgica, ou seja, um local que contrai, por metáfora espacial, o solo mítico da origem e o faz equivaler-se a uma parte do território histórico da diáspora, intensificando ritualmente às crenças e o pensamento próprios. (SODRÉ, 2017, p. 92)

O “espaço nostálgico [ou] espaço vivo” são as memórias da *espacialidade*, que o autor descreve como representações suscitadas pela construção de um território específico, o terreiro. Halbwachs não fala sobre um espaço exatamente social, mas ritualístico “o lugar aberto a um largo espectro afetivo, vivo, concreto qualitativamente, emocional e passionalmente falando” (SODRÉ, 2017, p. 92). É evidente a importância do traço memorial da *espacialidade*, pensar as proposições desses ambientes em sala de aula que pudessem determinar as ações e conteúdos enfatizando a coerência entre os temas arte afro-brasileira, arte e planeta, como também moda, identidade e iconografia dos orixás, foi o principal desafio durante a criação metodológica transdisciplinar. O *presenteísmo* em sala de aula atuou interdisciplinarmente no processo de ensino-aprendizagem, pois opera no domínio histórico da arte afro-brasileira. Isso permite praticar uma “educação em direção à multiculturalidade e à Ecologia” (BARBOSA, 2008, p. 69). O procedimento na combinação das várias ações e seus conteúdos teve como objetivo a relação sujeito/objeto, logo, surgem possibilidades de criação metodológica:

A Proposta Triangular permite uma interação dinâmica multidimensional, entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino da Arte, ou seja, entre as disciplinas básicas da área, entre as outras disciplinas, no inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento das outras três ações decorrentes: decodificar/codificar, experimentar, informar e refletir. (BARBOSA, 2008, p. 70)

A Triangulação viabilizou os diálogos entre Residência Pedagógica e Núcleo Temático quando contemplou em seu sistema a liberdade de estratégias e combinações desses dois programas, cujos objetivos é buscar cumprir parte do papel social da universidade, a atuação do estudante de graduação nas adversidades reais da sociedade. Assim, para além das aulas semanais na universidade os encontros do Núcleo Temáticos aconteceram em dois terreiros localizados na cidade de Juazeiro, um no bairro Alto do Cruzeiro e o outro no bairro Kidé. O tema do núcleo nos permitiu explorar através de entrevista, intervenção e pesquisa o coletivismo, presenteísmo e a espacialidade africana. Desde o início dos encontros a liberdade de escolha dos assuntos que cada graduando quis se aprofundar foi o que ajudou na escolha das temáticas aplicadas nos planos de aula no CEMAS. Visto que o capítulo primeiro do livro didático do oitavo ano aborda a representação da natureza, e o sexto ano de moda e identidade.

Os direcionamentos nas pesquisas, entrevistas e intervenções do presente artigo foram se estabelecendo a partir das relações do ser humano, natureza e identidade. Na disposição do questionário aplicado durante as entrevistas houveram questões com foco no manuseio de folhas, dado que um dos elementos mais importantes no presenteísmo são as plantas utilizada nos rituais. Os entrevistados Mãe Branca e Pai Luciano foram interrogados sobre as plantas: qual a importância das plantas no terreiro? Qual a relação das folhas com o ritual? Têm plantas nas festas, rituais e oferendas? Pai Luciano respondeu:

[...]todas as oferendas de se fazer temos que fazer o omieró, que é o banho de folhas, temos que cantar folha para iniciar nossos iaôs, nossos ebomis. Tem que se ter a folha, orixá Ossaim para trazer o sangue dele para dentro da casa[...]. A planta simboliza o orixá Ossaim da Nação Ketu. Orixá Jeje, Vodun, orixá Agé, orixá da medicina, orixá da cura, o que dá e traz as folhas, faz o ewê, orixá que mostra e dá para nós o ejé verde e traz para dentro de nossas casas, e traz a força das folhas, da medicina. E antes de começarmos qualquer obrigação, se formos no mato tirar algumas folhas, temos que saudar o orixá Ossaim, que é o protetor dos matos, orixá da cura, o orixá Odé, que também é um caçador. [É] programado para fazer oferenda, tem a hora de se tirar, tem cantiga para se oferecer antes de se tirar uma folha, tem horário, porque é aquela folha, aquele banho que levanta o alto-astral, a autoestima, pode liberar de uma maldade, de alguma demanda. (SILVA, 2019)

E ainda, Mãe Branca nos informa o seguinte:

As folhas, as ensabas, ela é a nossa vida. Nascemos nas folhas, nos criamos nas folhas. Então, assim, a folha, ela é a vida no Candomblé. Ela é todo o ritual no Candomblé. Ela é a força, ela é a luz, ela dá a vida à natureza, relacionada ao orixá Ossain, é o dono das ensabas, as folhas. Então, assim, a gente coloca as folhagens, vivas, não coisas superficiais, colocamos vivas para realmente trazer a natureza pra dentro do Candomblé, para que o orixá ele se sinta realmente vivo, pra que ele viva a situação do ritual que a gente invoca, que a gente faz, a sala, o xirê, o ajô, que é o festejo. Então, a gente traz as folhas vivas que é pro orixá se sentir vivo, cada vez mais vivo, e até mesmo pra dar uma vida ao nosso axé. (CRUZ, 2019)

A entrevista estende-se em outros assuntos pertinentes às pesquisas das formas amplas de representação e produção visual e cultural contemporânea dos terreiros. Contrapondo o pensamento de Anjos (ANJOS, 2015, p. 22) a ressignificação da cultura Nagô, que se estabelece através da perspectiva memorial de espacialidade, presenteísmo e coletivismo, constitui força de autolegitimação mesmo dentro de um circuito de difusão cultural de extenso alcance. Para compreender essa identidade híbrida, Hall reforça a importância do entendimento do espaço-tempo para a identidade nacional, visto que são coordenadas básicas de todos os sistemas de representação: escrita, pintura, desenho, fotografia e simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação (HALL, 2006, p.69-70).

Contudo, o objetivo deste trabalho é expor as aplicações dos resultados obtidos através do Núcleo Temático na composição das atividades desenvolvidas no CEMAS. Por essa razão Oxóssi e Ossain, orixás das matas e plantas sagradas foram o foco das pesquisas e produções artísticas no oitavo ano. Fazendo assim uma ligação com o livro didático Mosaico que explica questões fundamentais sobre Ecologia e como se processam as inter-relações entre os seres vivos e o ambiente. Dessa forma as plantas fizeram parte dos trabalhos desenvolvidos no oitavo ano durante todo o percurso das produções das técnicas de isogravura, ilustração botânica, fotografia e colagem. Inicialmente percebendo o nível das produções da turma foi preciso trabalhar questões básicas das técnicas de representação, como atividades de luz e sombra, estudar tipos de hachura e composição com linhas, curvas e pontos.

Ao passo das evoluções da turma outras fontes de pesquisa sobre plantas foram apresentadas, como livros produzidos por professores da própria UNIVASF, Flora das Caatingas do São Francisco (FILHO, 2012). As ilustrações permearam por diversas técnicas com grafite, nanquim, aquarela, tinta guache em suportes como folhas de papel ofício, isopor, papelão e papel holler (papelão para cartonagem). As atividades foram elaboradas para haver discussões teóricas históricas, processos artísticos e análise de imagens, mas houve o predomínio de atividades práticas como mostram as fotografias abaixo registradas durante o desenvolvimento das aulas.



Fig 1 e 2. Colégio Estadual Misael Aguilár Silva 2019 - Juazeiro – BA.

O fazer artístico e o controle da prática é o aprimoramento técnico por procedimentos e tentativas de representação por imitação, fazem da releitura uma forma de solucionar problemas com criação, interpretação e transformação com base em um referencial. As produções sucederam num texto visual de cada aluno, como afirma Maria Christina. Reproduzir e criar fazem parte das atividades de ensino da triangulação (BARBOSA, 2008, p.69).

No sexto ano, a partir da aplicação de uma aula com conteúdo de moda e identidade, através de leitura de imagens, que traziam estilos de roupas de diferente épocas e lugares, o sexto ano apresentou um posicionamento étnico-racial preconceituoso contra a figura de lemanjá. Neste sentido, Cunha fala sobre as publicações de elementos rituais afro-brasileiros que não se preocupam em fornecer o seu conteúdo simbólico, “[...]continuamos na ignorância não só das circunstâncias que surgem, como de quaisquer outros dados que possibilitem uma eventual reconstituição histórica” (CUNHA, 1983, p. 991). Com este diagnóstico foi possível a elaboração de uma aula onde a temática eram os Orixás, nesta aula foram apresentados os deuses do Iorubás e a história de como chegaram no Brasil, como mostram as imagens 3 e 4:



Fig 3 e 4. Colégio Estadual Misael Aguilar Silva 2019 - Juazeiro – BA.

Sendo uma forma de enfrentar o difícil desafio de reconstruir a história afro-brasileira: “[...]quem se dispuser a fazer história da arte afro-brasileira, encontra-se fatalmente diante de enorme documentação extremamente difícil de ser manipulada, por carência quase total de situá-la no tempo e, muitas vezes, espacialmente” (CUNHA, 1983, p.991).

Diante desta dificuldade, a proposta do plano de aula é contornar tal obstáculo e tentar extrair o máximo de informações das origens africanas através das análises iconográficas em nível histórico-cultural. Nesse plano foi pensado o desenvolvimento de uma camisa estampada com elementos dos orixás, esse trabalho foi realizado a partir da construção de croquis e técnicas como monotipia e isogravura. Por meio da memória individual dos estudantes as associações que os alunos fizeram com imagem de lemanjá foram “escrava” e “coisa de macumba”, estas interpretações remetem ao problema do

racismo que acontece com elementos brasileiros que se tenham colocado em elementos africanos, dando-lhes conotações diferentes das originais (CUNHA, 1983, p.997). O sincretismo se estabeleceu através de um contexto onde a Inquisição começou a receber denúncias, os negros começaram a utilizar estampas religiosas que poderiam lembrar os deuses africanos (VERGER, 2007. p.26). Vale destacar que a Umbanda não é originária do Continente Africano, passando assim por um processo de hibridação, o Candomblé é outra religião. Através da entrevista realizada no terreiro da Mãe Branca, que o núcleo temático possibilitou, houveram questionamentos sobre vestígios do sincretismo que estava incorporado dentro do terreiro através de imagens de santos católicos, Mãe Branca respondeu que é uma devoção dela, que foi criada assim, na Umbanda e não tem nada a ver com o Candomblé, logo após um questionamento sobre a relação de Iemanjá com Nossa Senhora, ela respondeu:

“Não. Iemanjá é Iemanjá, Nossa Senhora é Nossa Senhora... Pessoal difunde muito esse negócio de que Santa Bárbara é Iansã. Santa Bárbara é Santa Bárbara, Iansã é Iansã. Tem a relação por Santa Bárbara ter sido uma santa guerreira, e ter carregado espada, e Iansã é a mulher dos raios, mulher da força, da espada, a mulher que vai pra guerra. Então, tem essa relação, mas não tem nada a ver. Cada uma é cada uma.” (CRUZ, 2019)

As “Iemanjá-sereias”, virgens dessa ou daquela apelação e os “Exus-demônios”, são associações feitas em decorrência da pouca proximidade dos estudantes com a complexidade das nações que integram a cultura Nagô-Iorubá. Apesar dessas associações, as funções reais dessas divindades continuam africanas e as relações que ordenam essas divindades em uma cosmologia orgânica são africanas. “[...]restando para o propósito da investigação a análise do conteúdo semântico que assume a arte africana no Brasil, tornando-a afro-brasileira” (CUNHA, 1983, p.998).

5 | CONCLUSÃO

Os resultados apresentados neste artigo foram muito satisfatórios para todos os participantes dessa experiência. Para o colégio houve um enriquecimento dos conteúdos da grade curricular que já contemplava às considerações com a diversidade étnico-raciais. Só foi possível essa atuação no ensino público por meio do programa de Residência Pedagógica que culminou num aprofundamento da pluralidade étnica dos negros. A arte afro-brasileira foi o foco das atividades desenvolvidas na regência em sala de aula, como parte das proposições do Núcleo Temático Lugares Sociais da Arte, que levou às pesquisas litúrgicas nos terreiros de Juazeiro (BA).

Pensar estratégias para estabelecer diálogos concretos entre o ambiente acadêmico e a comunidade foi desafiador, dado que a história afro-brasileira se encontra dificilmente contextualizada no tempo e espaço. Apesar das dificuldades a realização das atividades proporcionou uma experiência enriquecedora para a formação de futuros arte-educadores.

Os programas e projetos de pesquisa e extensão são peças fundamentais na estruturação das conexões feitas entre a comunidade e a universidade, através desses incentivos os alunos de graduação puderam ser efetivos nas mudanças sociais. O preconceito étnico-racial tem sido um dos principais problemas da história nacional, onde a motivação tem sido a falta de informações precisas sobre esses povos. Abordar esses assuntos na formação básica é uma das ferramentas mais importantes no combate e desigualdade e a aproximação dos indivíduos com a sua origem, identidade e cultura.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Moacir dos. **Local/global: arte em trânsito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 78p.

BARBOSA, Ana Mae, org. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo. 5. ed. 2008.

CRUZ, Maria Gracilene da Costa. **Entrevista concedida a Rogéria Saraiva Silva, Sílvia dos Santos Dantas, Clarissa Campello e Elson Rabelo**. Juazeiro: 18 de junho de 2019. Digitado.

CUNHA, Mariano Carneiro da. **Arte Afro-brasileira**. In: ZANINI, W. (Coord.) **História Geral da Arte no Brasil**. Vol.2. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

FILHO, José Alves de Siqueira. **Flora das Caatingas do Rio São Francisco: História da Natureza e Conservação**. Ministério da Integração Social, Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf, Centro de Recuperação de Áreas Degradadas – Crad. Juazeiro, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro, 11. ed. DP&A, 2006.

SILVA, Luciano dos Santos. **Entrevista concedida a Rogéria Saraiva Silva, Juliene Moura, Valdete Dantas, Mariana Felício de Sousa, Gabriel Oliveira, Jilvandro Lino, Paulo Giovane Peixoto e Elson Rabelo**. Juazeiro: 9 de julho de 2019. Digitado.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis RJ: Vozes, 2017.

VERGER, Pierre F. **Orixás**. Salvador Bahia: Corrupio, 2007.

WALTER, Benjamin. **O Capitalismo como religião**. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aedes Aegypti 111, 112, 113, 114, 118
Arte Afro-Brasileira 132, 134, 135, 137, 140, 141
Arte-Educação 132, 133, 136
Astronomia 35, 39, 40, 42, 43, 44, 45
Atividade Prática 85

B

Bullying 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84

C

Calc 46, 47, 49, 50, 51
Candomblé 132, 133, 138, 141
Ciências 1, 4, 5, 26, 27, 34, 35, 37, 40, 41, 43, 44, 45, 53, 55, 62, 72, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 94, 95, 96, 114, 124, 133, 161, 164, 167, 168, 169, 170, 178, 179, 180, 190
Corpo Instrumento 98, 101
Curso 4, 5, 6, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 34, 53, 55, 60, 63, 96, 98, 99, 100, 103, 109, 113, 122, 124, 128, 129, 130, 133, 135, 147, 150, 151, 181, 183, 184, 186, 187, 188

D

Dança Contemporânea 98, 99, 102, 104, 106, 107, 108, 110
Dengue 57, 58, 111, 112, 114, 115, 118

E

Educação 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 34, 36, 37, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 60, 61, 66, 72, 73, 88, 89, 96, 98, 99, 100, 103, 105, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 117, 118, 120, 121, 122, 124, 125, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 144, 145, 148, 149, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 178, 179, 180, 188, 189, 190
Ensino 10, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 71, 74, 75, 76, 77, 79, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 95, 96, 98, 100, 109, 110, 114, 115, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 178, 179, 180, 182,

185, 189, 190

Ensino de Ciências 35, 37, 45, 62, 85, 86, 88, 96, 124, 161, 168, 169, 170, 178, 179, 180

Escrita 39, 60, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 98, 99, 108, 135, 139, 146, 148, 149, 150, 151, 153, 183, 187

Espaços não Formais 35, 36, 37, 44, 45

Estado 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 22, 76, 85, 98, 100, 101, 102, 103, 108, 112, 121, 125, 129, 130, 145, 159, 179

Extensão Universitária 98, 103, 104, 109, 110

F

Formação 3, 4, 5, 9, 10, 12, 15, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 45, 47, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 73, 74, 75, 76, 86, 88, 90, 93, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 109, 110, 118, 122, 124, 125, 129, 130, 133, 141, 142, 143, 145, 146, 149, 150, 152, 153, 159, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 178, 186, 187, 188, 189, 190

Formação Docente 4, 5, 9, 10, 26, 62, 73, 167

G

Gêneros Textuais 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153

I

Informativo 85, 88, 90, 111, 113

Interação 43, 55, 59, 74, 76, 78, 87, 104, 111, 113, 114, 138, 145, 158, 172, 173, 177

Interdisciplinaridade 14, 133, 161, 165, 166, 167

Itinerário 85, 88, 90, 94

L

Leitura 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 121, 122, 127, 133, 136, 140, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 153, 187

Lembrança 35, 37, 42, 43, 44, 45

Letramento 13, 14, 16, 146, 147, 148, 153

M

Mapas 85, 97

Matemática Financeira 46, 47, 48, 49, 51, 52, 123, 129

Mestrado 35, 45, 62, 63, 68, 75, 110, 119, 120, 121, 122, 128, 129, 130, 131, 179

Meta 13, 14, 15, 21

N

Necropsia 1, 2

Números 19, 24, 25, 28, 29, 30, 32, 126, 155, 156

O

Operações 24, 25, 28, 29, 30, 32, 33, 156

Oralidade 74, 75, 77, 78, 80, 83, 84

P

Patologia 1, 2, 21

Pedagogia 24, 25, 26, 28, 29, 30, 34, 41, 52, 60, 67, 72, 110, 122, 129, 147, 153, 172, 190

Perspectivas Críticas 13, 14, 16

Pesquisa-Ação 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 83, 84, 126

Planilhas Eletrônicas 46, 47, 49

PNE 13, 14, 15, 21, 23

Políticas Neoliberais 13, 14, 21

Professores 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 15, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 63, 64, 65, 67, 75, 76, 77, 83, 84, 85, 87, 88, 96, 98, 100, 103, 110, 121, 122, 123, 124, 125, 129, 133, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 170, 178, 185, 190

Profissional 3, 4, 9, 10, 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 34, 35, 37, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 68, 70, 71, 75, 76, 90, 103, 105, 119, 122, 146, 150, 155, 163, 186, 189

R

Reflexão Crítica 143

Reformas 3, 4, 5, 6, 7, 11, 12

Repelentes Naturais 111, 113, 115, 118

Residência Médica 1, 2

S

São Paulo 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 23, 34, 44, 45, 50, 51, 52, 60, 72, 73, 84, 85, 86, 96, 97, 110, 111, 112, 113, 124, 128, 129, 130, 142, 143, 145, 153, 160, 167, 179, 190

Sequências Didáticas 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153

 **Atena**
Editora

2 0 2 0